

# Utopia ( O dia em que a terra parô) matuto

Autor: Tércio Costa

O mundo é o que se foi  
E haverá sê o que será  
E memo desarrumado  
Mantém tudo em seu lugá  
Mais a natureza humana  
Num resolve se aprumá

Mas carece tê esperança  
O home é inda muito novo  
Nasceu bem dispois das planta  
E dos bicho que bota ovo  
Animal como eu diria  
Peixe vivo em balai covô

Etá trem desatinado  
Que gosta de complicá  
Sempre desaperebido  
Dos sinais que Deus lhe dá  
Como um causô acontecido  
Que agora vou lhes contá

A lua cobrindo o sol  
É causa bem naturá  
Mas isso tem dia e hora  
Pra mode o céu nos mostrá  
Mas assim fora de tempo  
Foi memo de se assombrá  
O dia virou-se em noite

Nenhum palmo se enxergava  
E pra maió dos pecado  
Nada mais que funcionava  
Nem rádio ou televisão  
E nem memo os carro andava

O que aumentava a estranheza  
Naquela situação  
É que nem forfe e nem vela  
Inté memo lampião  
Nada produzia fogo  
Pra criá lumiação

Começô ficá difícil  
Inté memo respirá  
Pois tudo quanto é plantinha  
Responsável pelo á  
Perderô suas função  
Por falta de luz solá

E o mundo em gritaria  
Perdeu sua direção  
muitos foram os acidente  
No meio da escuridão  
Parecia tudo entregue  
Nas garra do cramunhão

Os filho perdêro os pai  
A poliça os bandido  
Os governo as liderança  
Ficou tudo sem sentido  
Preto, branco, pobre e rico  
Agora era parecido  
Ninguém possuía casa

Ou comida pra comê  
Ficou cada um por sí  
Tentando sobrevivê  
Mas nada tinha valia  
Num mundo que não se vê

Foi quando os deficiente  
Nascidos já sem visão  
Resolvêro dá um jeitinho  
Em toda complicação  
Pedindo pra todo o povo  
Quem em corrente desse as mão

O desespero era tanto  
Que niguém fez de rogado  
Entrelaçando seus dedo  
Com quem tivesse dos lado  
E pouco tempo dispois  
Tudo tava mais carmado

E sem malícia as criança  
Pensando sê bricadeira  
Começaro uma ciranda  
Devagar dispois ligeira  
E o que era fim certo  
Rodô sem eira nem beira

Inté os bêudo e os maluco  
E os velhinho sem juizo  
Gostaro da estripulia  
Caindo todos no riso  
Dançando e batendo palma  
Sem pensá nos prejuizo  
Repentista e cantadô

E os mestre das poesia  
Tudo quanto foi artista  
Pra promovê alegria  
Transformaro dor em verso  
Espalhando sua magia

Assim toda multidão  
Nos quatro canto do mundo  
Virô luz no fim do túnel  
Meio aquele breu profundo  
Era o brilho dos amor  
Dos coração oriúndo

Nunca que havia o planeta  
Exprimentado a paz  
Nem memo todos milagre  
Que a força do bem se faz  
Inté o sol pra ver a festa  
Da lua sartô de trás

O dia nasceu de novo  
Ouça bem o que lhes digo  
Tinha inimigo abraçado  
Gente rica com mendigo  
Matuto montado em onça  
Sem dá conta do perigo

Tumém ladrão e assassino  
Dobraro os juelho ao chão  
Rependido de verdade  
Clamando ao céus compaixão  
Nem primeiro nem segundo  
Era um mundo de união  
Mais o sol trouxe consigo

O poder de sua clareza  
E fez diferenciá  
A feirura da beleza  
Quem mandava dos mandado  
E o indigente da nobreza

E o mundo meio sem graça  
Voltô pra normalidade  
E tudo fôra esquecido  
Nas loucura das cidade  
Retomaro todas guerra  
A fome e as desigualdade

Todos males dessa vida  
Fôro os home quem criô  
E essa foi mais uma chance  
Que os memo despediçô  
Ninguém mais lembra daquele  
Dia em que terra parô